

CARLOS BONFIM

abufarah@uol.com.br

Rede ao Redor / Universidade Federal da Bahia (Brasil)

A QUANTAS ANDA NOSSA ESCUTA? (POSSÍVEIS TRILHAS SONORAS PARA SENTIPENSAR-NOS)

RESUMO

Este escrito busca apresentar indagações em torno das dinâmicas artísticas, culturais, sociais, educacionais e políticas no Brasil, mas também em alguns outros países de Abya Yala. Contemplam-se, a partir de projetos de extensão, reflexões sobre possíveis pontos de escuta. Propõe-se um diálogo entre as artes sonoras – a música em particular – e nossas atuações como mediadoras/es, educadoras/es, investigadoras/es. O propósito: contribuir para a formulação de possíveis agendas de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

escuta; artes sonoras

SOBRE PONTOS DE ESCUTA

O mundo deve ser observado, contemplado, ensina Román Gubern (1973) quando escreve sobre a pulsão escópica e o que chamou “mirada opulenta”. O mundo deve ser tocado, propõe Frank Wilson (1999) ao tratar da centralidade do tato – e mais particularmente das mãos – na vida humana. O mundo deve ser deglutido, devorado, propôs Oswald de Andrade (1975) com sua metáfora da antropofagia cultural. Mas o mundo também se respira, se cheira, adverte Claudia Larrea ao abordar a cultura dos odores, dos aromas. Há, sem dúvida, muitos outros aportes ao debate. Mas, em sintonia com a convocatória do encontro online em que uma versão oral deste trabalho foi apresentada, e também em diálogo com contribuições de autores como Jacques Attali (1995), Carlos Lenkersdorf (2008), entre outros/as, busco neste escrito abordar a escuta: sonoridades, sensibilidades

acústicas e cosmoaudições. Busco abordar também algumas questões que poderiam ser agrupadas sob a noção de letramento sonoro: um esforço por promover compreensões e reflexões sobre os lugares que ocupa (ou que pode ocupar) a escuta em nossa formação sensível, cultural, política, em nossos modos de estar juntos, bem como em nossa atuação como mediadores/as culturais, como educadores/as. E o faço particularmente a partir da música; busco neste gesto explorar também, como espero evidenciar, um sentido ampliado de escuta que dialoga, entendo, com a noção de “ecologia acústica”. Daí que, mais que pontos de vista, reivindicuem-se aqui pontos de escuta – noção que ouvi pela primeira vez nos congressos organizados pela Associação Internacional para o Estudo das Músicas Populares (IASPM-LA). E dado que meus trabalhos têm girado em torno de práticas musicais em sentido amplo, tomo como ponto de partida as experiências vividas através de “Latitudes Latinas”, um projeto de extensão universitária dedicado à difusão da música e da cultura latino-americanas, para propor indagações sobre as dinâmicas artísticas, culturais, sociais, educacionais e políticas no Brasil e em alguns outros países de Abya Yala¹. Faço também breve referência a um projeto derivado deste: “Rede ao redor”, uma cartografia de iniciativas juvenis em artes, comunicação em cultura nas periferias de Salvador.

GRITOS POUCO OUVIDOS

Ouve? Está ouvindo? É o som de mundos que se movem. Mundos que vivem o que alguns batizaram – talvez com ressonâncias gramscianas – de encruzilhada: vivemos um presente em que há mundos que estão por acabar e outros que ainda não terminam de nascer. Cruzamentos que fazem confluir diferenças, tensões, que, por sua vez, trazem fecundos convites-desafios para pensar as dinâmicas sociais contemporâneas – incluídas, evidentemente, as que experimentamos ao longo destes meses de pandemia. Se, por um lado, fala-se do quanto a recente pandemia do Coronavírus

1 “Não olvidemos que dar nome próprio é se apropriar. É tornar próprio um espaço pelos nomes que se atribui aos rios, às montanhas, aos bosques, aos lagos, aos animais, às plantas e por esse meio um grupo social se constitui como tal constituindo seus mundos de vida, seus mundos de significação e tornando um espaço seu espaço – um território.” – adverte Carlos Walter Porto-Gonçalves, no verbete ‘Abya Yala’ da Latinoamericana, uma enciclopédia fundamental para entender parte expressiva da história do continente. Subscrevo o que afirma Porto-Gonçalves, bem como acolho e acato a decisão tomada na III Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala, realizada em Iximche, Guatemala, em 2007. Nessa reunião, as/os representantes passaram a auto-nomear-se e a auto-convocar-se como Abya Yala – que, no idioma do povo Guna (que hoje vive na costa caribenha do Panamá), significa “Terra madura”, “Terra Viva”. Ver <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>

promoveu uma expressiva redução do “barulho antropogênico” (aquele gerado pelos seres humanos)², por outro, alguns sons parecem ter-se amplificado: os gritos que emergem dos chamados “subsolos sociais”, os gritos das/dos cronicamente excluídas/os. Falo aqui de países/contextos nos quais se evidenciou em escala inédita – nestes tempos de pandemia – o quanto podemos em termos de solidariedades, sim. Mas evidenciou-se também, e sobretudo, o quanto temos naturalizado desigualdades, injustiças, tentativas de silenciamento, perversidades, o quanto parecemos reiterar que algumas vidas valem menos...³

E, no caso do Brasil e de seus vizinhos de continente, sabe-se já há tempos que o que se ouve à nossa volta são, por um lado, gritos indignados por justiça, por respeito, por dignidade, gritos que reivindicam, no mínimo, direito à vida. Falo também de contextos nos quais parecem repetir-se trágica e cotidianamente os versos de uma conhecida canção brasileira que reitera: “a carne mais barata do mercado é a carne negra”⁴. Composta por Marcelo Yuka, Seu Jorge e Wilson Cappelletto, “A Carne” é uma das tantas canções que – junto a uma vasta, vigorosa e contundente produção artística – vem denunciando o que já se caracterizou como genocídio da população negra no Brasil, particularmente a juventude de bairros periféricos. Falo aqui de vozes que dão conta daquilo que, por dizê-lo nos termos de Silvio Almeida (2018), instrui parte expressiva das relações interétnicas e de diversas outras interações sociais no país: o racismo estrutural. Mas além do genocídio da juventude negra, vivemos também as tragédias cotidianas de feminicídios, de crimes de lgbtfobia, bem como o histórico extermínio das populações indígenas⁵.

Isto tudo grita à nossa volta. Isto tudo grita há tempos. E a quantas anda nossa escuta? A pergunta nos interpela diretamente: diz respeito, por exemplo, ao que (não) temos feito pesquisadores/as, mediadores/as

2 O súbito “silenciamento do planeta” permitiu, segundo pesquisadores de diferentes países, medir, entre outras coisas, o quanto geramos poluição sonora. Segundo os estudos, “as vibrações emitidas pela vida humana caíram, em média, 50% no período em que o coronavírus forçou um terço da população mundial a se isolar.” Ver: <https://m.tecmundo.com.br/ciencia/155579-pandemia-silencia-planeta-cientistas-ouvem-terra.htm>

3 Entre o vírus, a fome e a bala”, é o título de uma das tantas matérias que vêm circulando pelo país nos últimos meses e que corroboram esta percepção: <https://racismoambiental.net.br/2020/06/18/entre-o-virus-a-fome-e-a-bala-o-xadrez-diario-da-pandemia-covid-19-nas-favelas/>

4 A canção “A Carne” foi gravada por diversos artistas ao longo destes anos, mas destaco aqui, para os propósitos de minha argumentação, a versão de Elza Soares incluída no CD *Do côccix ao pescoço* (2002).

5 De acordo com estudos publicados pelo Mapa da Violência (<http://flacso.org.br/?project=mapa-da-violencia>), bem como pelo Atlas da Violência (<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>), o Brasil supera a cada ano os índices de mortes violentas de sua juventude – particularmente a juventude negra de bairros periféricos. No que se refere à violência de gênero, destaco o <https://mapada-violenciadegenero.com.br/> e em relação aos povos indígenas, a Cartografia dos Ataques Contra Indígenas: <https://cimi.org.br/observatorio-da-violencia/caci/>

culturais, educadores/as em contextos como estes – cujos indicadores se replicam, em diferentes escalas, nas mais diversas latitudes do continente. A pergunta se dirige evidentemente a muitas/os outras/os agentes, mas destaco em específico estes/as profissionais por serem os/as que provavelmente lerão os textos publicados neste livro e porque esta é uma das questões que poderiam ocupar com maior frequência os espaços por onde transitamos com nossas pesquisas, com nossos projetos, nossos cursos, nossas criações e um longo etcétera. A esta, somam-se diversas outras indagações que, na incisiva formulação de Omar Rincón, insistem ainda: “quanto de país cabe nos discursos da academia, nos meios de comunicação? (...) Estamos pensando, pesquisando, e ensaiando as atividades que nos correspondem, que nos tocam a alma democrática e cidadã? (...) Estamos pensando e pesquisando o que nos corresponde pensar e pesquisar?” (Rincón, 2009, p.162)

Sem contemplar também estas questões, sem dialogar com as demandas específicas, concretas dos contextos nos quais atuamos, corremos o risco de reproduzir e, pior: referendar ensurdecimentos. E corremos ainda o risco de perpetuar aquelas histórias únicas das quais falava a escritora nigeriana Chimamanda Adichie: “Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa”⁶.

Como se fabrica e como se naturaliza uma prática que parece nutrir a percepção de que existem vidas que valem menos? Como é possível viver os dias, a vida, ignorando essa obscena fábrica de cadáveres?⁷ Como é possível pesquisar e imaginar modos menos perversos de vida ante tanto silêncio, ante tanta omissão – que, no limite, termina sendo aquiescência, conveniente cumplicidade? Ocorre, porém, que se é verdade aquilo de que a História é escrita pelos vencedores, podemos afirmar que é também verdade que existem então outras histórias a serem contadas, ouvidas, compartilhadas.

A QUANTAS ANDA NOSSA ESCUTA? (POSSÍVEIS TRILHAS SONORAS PARA SENTIPENSAR-NOS)

Foi com questões como estas em mente que, com um grupo de estudantes de graduação e diversas outras parcerias, criámos o projeto de

6 Trecho da conferência TED de Chimamanda Adichie: <https://youtu.be/wQk17RPuHw8>

7 “A fantástica fábrica de cadáver” é nome de um rap que dá título ao CD (2014) do *rapper* e ativista paulistano Eduardo Taddeo (MC Eduardo).

extensão “Latitudes Latinas”, um desdobramento de minha tese de doutoramento. Contemplava uma série de ações, entre as quais havia grupo de estudos, mini-cursos, oficinas, exposições, festivais artísticos e programas de rádio, esta talvez a face mais visível do projeto. Estivemos realizando todas estas ações até 2017⁸, quando foi necessário fazer uma pausa para concentrarmo-nos nas demandas do “Rede ao Redor”, sobre o qual falarei mais adiante. Pois bem, o programa de rádio funcionava como um vetor das provocações-reflexões que pretendíamos fomentar. Era/é, podemos afirmar, uma aposta política em sentido amplo. Criado em 2007 como parte das ações de extensão da Universidade Federal de Alagoas, onde atuei como docente de 2005 a 2008, passou a integrar a programação da Rádio Educativa FM de Maceió / Instituto Zumbi dos Palmares. Após minha mudança para a Universidade Federal da Bahia, em 2009, “Latitudes Latinas” passou a ser transmitido também pela rádio Educadora FM, de Salvador, e nos anos seguintes integrou ainda a programação das rádios da Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo, e da Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, no México, além de três outras emissoras vinculadas à Empresa Brasil de Comunicação (Amazonas, Rio de Janeiro e Brasília). Neste sentido, o programa de rádio buscou ao longo dos 10 anos de produção, formular recorrentes convites para sentipensar-nos⁹.

Buscamos apresentar subsídios para a escuta atenta de um repertório musical/cultural com o propósito de interpelar nossas/os ouvintes a partir de provocações diversas. E uma das provocações recorrentes focava nos modos como naturalizamos e perpetuamos colonialismos e estereótipos de toda espécie. Afinal, o que se vive inicialmente como desinteresse / desdém por estéticas outras que não as consagradas pelos meios hegemônicos, tem derivas diversas, entre as quais as habituais hierarquizações que pretendem definir cânones únicos e que promovem, como disse acima, silenciamentos de toda ordem.

Se não, pense num exemplo musical cubano ou argentino. Pensou, por exemplo, na possibilidade de ouvir *rap*, música eletrônica, *rock* ou *blues*? O que seria “tipicamente” desta ou daquela cultura? E o que é o típico senão um reducionismo? Ou ainda: pense num exemplo musical

8 Ver o canal de Youtube de “Latitudes Latinas”, onde podem ser acessados os vídeos-síntese de cada festival, bem como outras ações: https://www.youtube.com/results?search_query=latitudes+latinas

9 Sentipensar é neologismo que conheci através do trabalho do colombiano Orlando Fals Borda (2009) e que foi extensamente empregado também por seu conterrâneo Arturo Escobar. Tal como o nome sugere, busca manter presentes dimensões que historicamente são vividas/pensadas/ensinadas de modo dicotômico e excludente. Guarda estreita relação com o “corazonar” (que em Castelhana permite jogar ainda tanto com uma razão que opera em sintonia com o coração, quanto com o “razonar” juntos/as.)

boliviano, paraguaio ou guatemalteco. Considerando o modo como fomos alfabetizados/as esteticamente, não seria difícil que as respostas possíveis a tais provocações recaíssem nos já fartamente conhecidos clichês... Não temos, evidentemente, obrigação alguma de conhecer a vigorosa cena jazzística, roqueira, *pop* que há em países como o Paraguai ou a Bolívia, para mencionar dois casos nos quais os clichês são acionados quase que automaticamente. Mas daí a escolher ignorar a copiosa produção artística e intelectual destes contextos é algo que deveria receber uma atenção mais acurada. Pensemos ainda numa possível América do Leste... Pois esta foi outra das provocações lançadas a partir do repertório de bandas latino-americanas que combinam em seu trabalho ritmos musicais dos Balcãs, por exemplo, com saberes musicais/culturais de suas respectivas tradições locais. Ou ainda: que significa acionar o nome Abya Yala num continente conhecido como América Latina? Em algumas de nossas edições buscamos precisamente recordar que habitam estas latitudes povos e culturas que não são “latinas” no sentido etimológico do termo... E mais: que sejam vozes, instrumentos e idiomas indígenas os que se ouçam interpretando *blues*, *rap*, *rock* (maia, quéchua, guarani etc.). E que dizer, quem sabe, de uma Negramérica? Num continente que se construiu graças às políticas escravagistas e ao racismo, ouvir vozes, ritmos, saberes garífuna, quilombolas, afrobolivianos, afroperuanos, afromexicanos, por exemplo, poderia significar uma possível abertura sensível a outras interpelações. Intepelações como as que vêm formulando pesquisadoras como a argentina Berenice Corti, que conta já com alguns anos dedicados ao estudo do que ela batizou “música negra” de um “país branco”¹⁰.

Ou seja, em diversas edições do programa de rádio buscávamos evidenciar que junto com o desconhecimento desse repertório musical (quando não um desinteresse movido pelo preconceito), poderia vir também o desconhecimento de aspectos que nos permitiriam não apenas ir além de estereótipos, mas ampliar, pluralizar nossas interlocuções e referências estéticas, conceituais, científicas. Praticar, por exemplo, uma escuta plena, sensível e atenta aos modos como se intervém em debates a respeito de formas de viver a diferença – que tanta falta nos faz nestes nossos tempos de hiperconectividade. Porque, afinal de contas, se assumo – a partir de uma sensibilidade estereotipada – que as/os habitantes deste ou daquele

¹⁰ Alguns dos resultados das fecundas e inspiradoras pesquisas realizadas por Berenice Corti foram publicadas no livro *Jazz argentino: la 'música negra' del 'país blanco'*, editado por Gourmet Musical em 2015. Ver entrevista com a autora: <http://argentjazz.com.ar/berenice-corti-no-somos-tan-blancos-como-creemos/>. Há, no entanto, diversas outras contribuições que podem ser rastreadas na página da IASPM-LA citada anteriormente. Ver <http://iaspmal.com/?lang=pt>

país não têm nada mais a oferecer além de um limitado repertório de exotismos, jamais poderei conhecer, por exemplo, as fecundas contribuições teóricas que se tecem nestes territórios. Falo aqui, sim, de um esforço por descolonizar a escuta. Mas falo também de um urgente e necessário esforço por seguir com os embates anticoloniais, antirracistas que têm longa história nestas latitudes.

Afinal, que argumentos justificam o fato de que personagens fundamentais de nossa história cultural, política, humana sejam apenas discreta e episodicamente mencionadas? E não falo aqui daquelas menções exotizantes, claro. Em outros termos, de que modo nos contamos nossas histórias? Quem são nossas/os interlocutoras/es, nossas referências? Em que espelhos nos miramos? A partir de que conceitos, de que categorias pensamos nosso estar no mundo? Com que léxico nos narramos? Seguir com este tipo de indagações pode nos levar a pensar também no papel crucial que vêm cumprindo nisso tudo – nesses crônicos silenciamentos – as instituições nas quais nos formamos (e, claro, em nosso papel nelas). Pode nos levar ainda a pensar nos sentidos daquilo que chamamos “ciência”, “arte”, “literatura”, “dança”. etc. E assim poderemos perceber muito rapidamente os efeitos trágicos do colonialismo. Se não, por que razão nossa formação (intelectual, sensível, estética, humana) apagou milhares de outros modos de produção de conhecimento, outras vozes, outras estéticas? Isto é, nossa formação deixou muito mais que lacunas ao escolher contar-nos a partir de um recorte que deliberadamente ignora / despreza outro tipo de produção de conhecimento que não seja aquela consagrada pelo ocidente capitalista. Como *educadorxs*, como *mediadorxs* culturais, mas também como cidadãos e cidadãs talvez devêssemos nos interessar também pelo muito que ficou de fora desse cânone hegemônico que ajudamos a constituir e que – mesmo quando acionamos falas sobre a diversidade – perpetuamos. Talvez não conseguíssemos, evidentemente, acessar o que vem sendo produzido, criado, pensado ao redor do mundo. Mas daí a limitar nossos diálogos a tão somente uns escassos interlocutores me parece mais que excessivo. E prejudicial, sabemos.

Daí nossa aposta pelas fecundas possibilidades que nos oferece o rádio. E dentro do rádio, a música. Música não (apenas) como entretenimento, convite ao baile, ao devaneio. Mas (também) como vetor de ideias, de cosmoaudições, de leituras de mundo, de modos de estar no mundo. Música como produção de conhecimento. Como modo sutil, mas contundente, de intervir no mundo. Música, tal como propõe Jacques Attali, como espelho e como profecia. A música – a arte, poderíamos dizer ampliando

o espectro abordado por Attali – atua como espelho porque reflete uma realidade em movimento, porque reflete a “fabricação da sociedade”; e profecia porque aponta os possíveis rumos de nossas sociedades, porque “explora, dentro de um código dado, todo o campo do possível” (Attali, 1995, pp.15-22).

Ora, se a música/a arte dá conta do que estamos sendo e anuncia o que eventualmente podemos vir a ser, talvez devêssemos fomentar à nossa volta espaços nos quais se celebre, se viva, se pratique escuta atenta. Afinal, se considerarmos, com o poeta brasileiro Décio Pignatari, que o ouvido não tem pálpebras¹¹, isto quer dizer também que se abre a possibilidade de explorar nossa – muitas vezes involuntária – disponibilidade para a escuta¹². Assim, se o ouvido não tem pálpebras, significa também que pode ser interpelado, surpreendido com vozes, sons, saberes, com uma trilha sonora, enfim, que desarranje o rumo dos dias, que desconcerte certezas. Uma trilha sonora que inclua em nosso mapa mental, em nossa sensibilidade, sonoridades e geografias insuspeitadas, que desconcerte pela surpresa feliz das descobertas.

E entre as muitas e felizes descobertas incluem-se também aquelas possibilitadas por um projeto que é continuidade / variação local de “Latitudes Latinas”. Falo aqui do “Rede ao redor”, projeto iniciado em 2016 a partir de um trabalho de cartografia de iniciativas juvenis em artes, comunicação e cultura na cidade de Salvador. O objetivo fundamental consistia em mapear a pletera de coletivos e de artistas de bairros periféricos da cidade para a partir daí evidenciar a profusão de contranarrativas hoje em curso nestes territórios. Ouvir e ecoar as muitas e tantas vozes que em coro vêm repetindo que não pode mais haver “nada sobre nós sem nós”. Isto é – e aqui retomo o que dizia acima a respeito dos genocídios/epistemicídios – buscamos revelar o que mais anda fazendo essa juventude além de involuntariamente subsidiar os tantos e trágicos mapas da violência. Neste sentido, “Rede ao redor” busca, por um lado, difundir tais iniciativas para além dos contextos imediatos em que se realizam; por outro, busca também apoiar, fortalecer, fomentar a ampliação e a consolidação de redes de colaboração tanto em tarefas de produção e de divulgação, quanto apoiar, subsidiar e pautar debates a respeito da definição de políticas públicas para

11 Ouvi pela primeira vez a expressão “Porque o ouvido não tem pálpebras” num spot realizado pela Asociación Latinoamericana de Educación Radiofónica (ALER) em Quito, no Equador. Esse spot era veiculado nos intervalos da programação de Radio La Luna FM, de Quito, onde produzi e apresentei, entre 1999 e 2002, um programa diário dedicado à música e à cultura brasileira.

12 Recupero neste parágrafo parte do que expus em meu artigo “Porque o ouvido não tem pálpebras: Latitudes Latinas, mediação cultural e descolonização da escuta” (Bonfim, 2015).

a educação e para as artes produzidas nestes contextos. Em 2017, realizá-mos, em parceria com coletivos que atuaram também como curadores das ações, uma série de atividades (saraus, mostras de filmes, oficinas, rodas de diálogo, etc.) em diferentes espaços da cidade. Este conjunto de atividades culminou na realização, em dezembro de 2017, do festival Rede ao redor: nossos muitos outros centros, uma mostra de artes das/nas periferias. Dadas as limitações de espaço, não poderei me deter em detalhes destas ações, mas remeto aqui ao link para o referido Festival¹³.

O que, sim, quero dizer para finalizar esta intervenção é que uma das vozes que emergem destes nossos outros centros revisitou há pouco a canção “A carne” que mencionei acima ao início deste escrito. Falo aqui da versão que a cantora baiana Larissa Luz incorporou ao espetáculo Elza, um tributo a Elza Soares. Ao interpretar a canção, Larissa introduziu uma breve, discreta, mas sensível e potente alteração nos versos: “A carne mais barata do mercado ERA a carne negra. Agora não é mais...”¹⁴ E a própria Elza Soares, em seu mais recente disco – Planeta Fome – interpreta uma canção composta por Rafael Mike: “Não tá mais de graça”. E ocorre que a letra revisita ainda uma vez mais a canção “A carne”. E a atualiza: “a carne mais barata do mercado não tá mais de graça / o que não valia nada, agora vale uma tonelada”. Ou seja, tal como advertem muitas e muitos desses jovens, dessas sensibilidades, a trilha sonora que inspira e guia estas vidas evidencia os sentidos do lema “do luto à luta” que vem acompanhando nossos passos nestes últimos anos. E a quantas anda nossa escuta?

REFERÊNCIAS

- Almeida, S. (2018). *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento.
- Attali, J. (1995). *Ruidos - ensayo sobre la economía política de la música*. México: Siglo XXI.
- Bonfim, C. (2017). Merienda de negros: canto-contar(nos) outras histórias de uma negramérica. In A. G. Diniz, D. A. Pereira & L. K. Alves (Eds.), *Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização* (pp. 55-79). São Carlos: Pedro & João Editores.

¹³ Ver vídeo-síntese deste Festival: <https://goo.gl/TTUVLy>

¹⁴ Para mais detalhes sobre o espetáculo dramático-musical dirigido por Duda Maia, com texto de Vinicius Calderoni, direção musical de Pedro Luis e arranjos de Letieres Leite.: <https://bit.ly/2lvocMm>

- Bonfim, C. (2015). Porque o ouvido não tem pálpebras: Latitudes Latinas, mediação cultural e descolonização da escuta. *Revista Sures - Revista digital do Instituto Latino-americano*, 6, 1-14. Retirado de <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/362>
- Borda, O. F. (2009). *Una sociología sentipensante para América Latina*. Bogotá: Siglo del Hombre.
- Lenkersdorf, C. (2008). *Aprender a escuchar - enseñanzas maya-tojolabales*. Mexico: Plaza y Valdéz.
- Rincón, O. (2009). Agendas comunes: haciéndonos cargo de lo que nos toca. In J. Martín-Barbero (Ed.), *Entre saberes desechables y saberes indispensables* (pp. 161-174). Bogotá: Friedrich Ebert Stiftung.

Citação:

Bonfim, C. (2020). A quantas anda nossa escuta? (possíveis trilhas sonoras para sentipensar-nos). In M. Oliveira, A. Sá & P. Portela (Eds.), *Escutar. Sentir. Guardar - Atas do I Encontro Online Audire* (pp. 113-122). Braga: CECS.